

TRIBUNA Livre

2
MAIO
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 62113 - AMARES

O MONGE DE S. BENTO

—Por EME—

Não se trata aqui de qualquer frade beneditino como à primeira vista o leitor poderá imaginar pelo título desta crónica, que viva enclausurado nas paredes sombrias de um convento, sem contactos com o mundo exterior, preocupado apenas com o seu munus monacal ou olhando para o Céu em atitudes místicas; mas sim, de um outro monge de virtudes não menos severas e sujeito à regra que a si mesmo impôs, com vontade firme e paciência beneditina — não habitasse ele o Palácio de S. Bento —, atento a tudo com apurado sentido das realidades, estudando como se fosse um aluno e ensinando com garra de mestre.

É Salazar este monge que irradia luz por todo o Império como o Grande Patriarca foi farol refulgente no alto do Monte Cassino; e não devemos estar alheios à bem fundada presunção de que S. Bento interfira, com Salazar, nos negócios de Estado!

Pois também este monge — monge no mais alto sentido da palavra! — optou pela pobreza para que se não deixasse escravizar pelas riquezas (ele mesmo o disse) e pudesse afirmar sem péias: — «Sou tanto quanto se pode ser um homem livre»; também quis ser celibatário para não repartir-se pela família e pelo Estado, podendo assim dar-se inteiramente à Nação; quis ainda, outro-sim, aumentar a sua crença, tornar cada vez mais forte a sua fé, para com a ajuda de Deus

(Continua na 6.ª página)

Temos nova Comissão Distrital da União Nacional

Desde há tempos que se sabia que a Comissão Distrital da União Nacional ia ser remodelada numa sequência de actos idênticos que já abrangiu quase todo o País.

Concretizou-se o facto ao terminar da última semana e a posse verificou-se, na passada terça-feira, no Governo Civil, sob a presidência do Sr. Doutor Castro Fernandes, presi-

dente da Comissão Executiva da U.N. e com a presença do Senhor Governador Civil do Distrito e vogais da referida Comissão executiva dr. António Brito de Mesquita e escritor Costa Brochado.

A nova Comissão preside o sr. Dr. Teófilo Esquivel, médico muito conhecido e delegado da Direcção G. dos Desportos que terá a rodeá-lo o

sr. Dr. João da Mota Campos como vice-presidente, e como vogais os srs. Doutores Joaquim Nunes de Oliveira, Jorge da Costa Antunes e Almeida Soares, António Maria Santos da Cunha e Padre Benjamim Salgado, figuras bem conhecidas em todo o Distrito.

A nomeação desta Comissão causou o mais justificado alvarço e rigosijo em toda a parte, pois dela se espera acção altamente benéfica na orientação da política do Distrito im-

(Continua na 4.ª página)

Rainha da Paz

Neste mês de Maio, o mais formoso do ano, tradicionalmente consagrado pelo Igreja ao culto da SS.ma Virgem, devemos invocá-la com o título de Rainha da Paz.

Foi a vinte de Dezembro

de mil novecentos e quinze que o Papa Bento XV, concedeu aos Bispos a faculdade de acrescentar nas Ladainhas Lauretanas, esta nova invocação.

Estalara a guerra mundial (1914 - 1918), que também ceifara muitas vindas de Portugueses. O ódio, o fogo, os estragos, estendiam-se a todas as nações e imperavam as paixões que a guerra desencadeia no coração do homem. Os campos de concentração

(Continua na 4.ª página)

Comendador Augusto Ferreira Arantes

No dia 28 do mês corrente chegou a esta Vila o Ex.mo Senhor Augusto Ferreira Arantes, que mais uma vez veio do Brasil passar uma temporada ao seu querido Concelho, que mesmo lá de longe nunca esqueceu e muito menos agora. Foi recebido com acordes musicais de saudação, a denunciarem que fosse bem vindo, a marcar presença da Feira Nova inteira na saudação de boas vindas a uma amarense ilustre e generoso. Bem vindo seja! Tribuna Livre associa-se à homenagem, muito gostosamente.

Delegação de Saúde

A partir da passada quinta-feira, encontra-se instalada, na S. Casa da Misericórdia, a Delegação de Saúde de Amares.

Peregrinação Nacional ao Santuário de N. S. de Fátima

9-13 de Maio de 1959

Programa

Tríduo Preparatório 9, 10, 11

Às 8 — Na Basílica — Missa cantada, com breve homilia.

Durante o dia, confissões. Às 21 — Exposição do Santíssimo Sacramento, terço pregação, bênção.

Na Capelinha — a seguir — Salve Regina, cantada.

Nota: Estes actos serão transmitidos por Rádio Renascença.

Dia 12 Às 6 — Saída da peregrinação de penitência à Laga do Cabeço e aos Valinhos. Missa campal nos Valinhos e comunhão.

Durante o dia, confissões no Santuário.

Às 18.30 — Missa rezada.

Às 22.30 — Terço com ladainha cantada — Procissão das velas.

Dia 13

À meia noite — adoração

(Continua na 6.ª página)

FESTAS DO CONCELHO em honra de SANTO ANTÓNIO

A Comissão de Festas de Santo António, este ano elevadas à categoria de Concelhias, como foi já noticiado anteriormente, prometem atingir um nível nunca alcançado desde que se vêm fazendo, tradicionalmente, em crescente sumptuosidade.

Foram dados os últimos retoques no programa geral, cuja sùmula publicaremos na íntegra no próximo número deste Semanário.

Mas desde já destacamos os seguintes números que bem podem mostrar quanto empenho a Digna Comissão pôs na elaboração do selecto programa.

Foram contratadas:

As Bandas:

La União de Lantano, Ponte Vedra (Espanha), Bombeiros Voluntários de Riba d' Ave; e Bombeiros Voluntários de Amares.

Os Ranchos:

De Rebordões, Da Ponte da Barca, Bem como se farão repre-

sentar outros ranchos e tocatas do Concelho.

Apelo Aos Ausentes

À semelhança dos anos anteriores, põe a Comissão as melhores esperanças na ajuda dos ausentes, que tão bem têm sabido compreender a finalidade das Grandiosas Festas a Santo António como meio de engrandecimento do Concelho e devoção ao Grande Taurmaturgo Português.

Espera que por intermédio de Tribuna Livre comecem a chegar os preciosos subsídios com o mesmo carinho dos anos anteriores.

Todos devem compreender que sem dinheiro nada se pode fazer. Todos portanto devem ajudar a minorar as grandes responsabilidades assumidas pela Comissão de Festas em tão avultada despesa. Desde já se agradece muito reconhecidamente.

Senadores e deputados Brasileiros elogiam Salazar

Numerosos parlamentares brasileiros foram ouvidos pelos redactores do «Mundo Português». O senador João de Lima Teixeira, representante da Baía no Senado Federal, referindo-se à personalidade do Presidente do Conselho, declarou: «Indiscutivelmente o sr. dr. Oliveira Salazar é homem de grande valor, quer como intelectual, quer como administrador.»

O representante do Estado de Santa Catarina na Câmara Alta, senador Francisco Galotti disse: «O pequeno Portugal transformou-se em grande nação nos dias actuais, com o Governo de Salazar.»

«O estadista lusitano ergueuse como um dos maiores portugueses, cuja honradez pessoal e autoridade moral o sagram como cidadão do mundo» — afirmou o senador Victorino Freire, representante do Maranhão.

Do representante do Rio Grande do Sul, Guido Mondim, é a seguinte frase: «Salazar criou um espírito novo, ao mesmo tempo revolucionário e tradicionalista.»

O senador Alô Tricoulat Guimarães manifestou a sua opinião com as seguintes palavras: «É um estadista de renome universal, que conseguiu levar a destino certo o progresso da sua grande Pátria, merecendo, por isso, o apoio da opinião mundial.»

Públio de Melo, senador e

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

A essas declarações dadas pelos Sumos Pontífices conformes as do clero illustre Igreja da França, e a dos nossos mais sábios e vistuosos predecessores, porem es está he a Moral pura do Evangelho, sempre fielmente praticada pelos verdadeiros Christians, como he possível

(Continua da 4.ª página)

TRIBUNA AGRICOLA

Curso de gestão da empresa agrícola

Organizado pelo Centro de Estudos de Economia Agrária da Fundação Caloust Gulbenkian, teve início no passado dia 1, na Associação Central de Agricultura Portuguesa, o Curso de Gestão da Empresa Agrícola, visando um maior desenvolvimento da investigação científica em matéria de Economia Agrária e Sociologia Rural.

A sessão de abertura foi presidida pelo Secretário de Estado da Agricultura, Sr. Eng.º Quartin Graça ladeado pelo Sr. Dr. Azeredo Perdigão, presidente do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian, Sr. Embaixador da França, brigadeiro Teixeira Pinto em representação da Corporação da Lavoura e do Comércio Agrícola de Portugal e Sr. Eng.º Quartin Graça, presidente da Associação Portuguesa.

O curso, excedendo o número de inscrições esperadas — 130 —, será regido pelos Srs. Profs. Louis Malassis e Senis Bergmann, respectivamente da Escola Nacional de Agricultura de Rennes e do Instituto Agronómico de Paris.

A abrir a sessão, o Dr. Azeredo Perdigão, começou por realçar a importância da agricultura na prosperidade das nações e na sua estabilidade política e social.

Seguidamente usou da palavra o Prof. Henrique de Barros que em nome do Centro de Estudos de Ciências Agrárias expôs as finalidades do Curso de Gestão da Empresa Agrícola num notável trabalho subordinado ao títu-

lo «A investigação económica e a agricultura».

A sessão prosseguiu com o trabalho do Sr. Prof. Louis Malassis que dissertou sobre o tema «Teoria e técnica da gestão das explorações agrícolas» dando uma vista de conjunto dos principais problemas resultantes do aperfeiçoamento da gestão das explorações agrícolas.

Mais adiante foi abordado o problema do aumento da dimensão das empresas e as correlativas exigências no campo técnico irizando-se em especial, que no campo agrícola a questão ainda não se apresenta completamente resolvida, mantendo a agricultura as características de exploração familiar. Tomando como ponto de referência a França, o Prof. Malassis explicou pormenorizadamente a tendência crescente para a divisão técnica do trabalho sob o ponto de vista agrícola.

A terminar, o Sr. Eng.º Quartin Graça manifestou o agrado com que via iniciar-se um trabalho de tão grande importância para o sector agrícola nacional e congratulou-se pelo precioso auxílio com que mais uma vez a Fundação Gulbenkian contribuiu para a prosperidade do sector económico em estudo.

Continuando a sua exposição, o Sr. Eng.º Quartin Graça, explicou a necessidade básica de uma vulgarização agrícola através de métodos eficientes adaptados à nossa época e analisou as perspectivas da agricultura perante a execução do 2.º Plano de Fomento.

O oídio da videira

Aparecendo todos os anos nas nossas vinhas, causando por vezes estragos de monta, o oídio da videira tem sido como que desprezado entre nós.

Quando apareceu em Portugal pela primeira vez, em 1852, antes portanto das invasões do mildio e dos ataques da filoxera, os prejuízos que se verificaram, conduzindo nalguns casos à perda total da colheita, obrigaram os viticultores a efectuar os tratamentos necessários.

O aparecimento do mildio e da filoxera desviou a atenção dos lavradores para estas duas novas catástrofes tendo passado a dar-se pouco cuidado ao combate do oídio.

No entanto esta doença é ainda hoje a segunda, em importância económica da vinha.

É certo que a generalização dos tratamentos à base de enxofre e, talvez as nossas condições climáticas têm permitido que os prejuízos não atinjam proporções desastrosas havendo porém anos em que eles atingem valores de 10 a 30%.

Não devemos esquecer contudo que os prejuízos causados pelo oídio não se traduzem apenas pela inutilização de parte da colheita mas também pela má qualidade do vinho e deficiente vegetação das plantas.

Sintomatologia da doença

O oídio ataca todos os órgãos verdes da videira sendo, contudo, nas folhas e nos cachos que os ataques se tornam mais nítidos.

Em todas as partes da planta a doença manifesta-se sob a forma de uma eflorescência fina, pulverulenta, de cor branco acinzentado, formando manchas de contorno mal definido, isoladas ou confluentes que podem cobrir grandes extensões.

Se com o dedo se tirar esta eflorescência esbranquiçada ficarão a descoberto manchas acastanhadas que são devidas à morte dos tecidos parasitados.

Nas folhas, é sobretudo na página superior que o parasita se instala e onde, portanto, os sintomas são mais visíveis aparecendo as manchas características, a princípio esbranquiçadas que se tornam mais tarde cinzentas e finalmente castanhas.

Os ataques do oídio distinguem-se facilmente dos de mildio porque nes-

tes a eflorescência branca aparece na página inferior das folhas. O próprio aspecto daquela eflorescência é diferente num e noutro caso: nos ataques de oídio assemelha-se a uma camada de pó baço ao passo que nos de mildio é um pouco brilhante sem a aparência de pó.

A medida que a doença progride dá-se o aumento das manchas de oídio que acabam por coalescer provocando a deformação das folhas que ficam como que franzidas.

Nos pâmpanos aparecem as mesmas manchas, brancas a princípio, mais tarde acinzentadas.

Em casos de ataque no cedo todo o pâmpano pode ser parasitado não chegando a atemperar convenientemente.

Quando dos ataques no tarde, são as extremidades dos rebentos, ainda verdes, os atacados.

Nos cachos as invasões tornam-se mais aparentes não só por serem mais graves, como por conduzirem à perda directa da produção — as uvas.

Se o ataque se dá nas flores não chega a formar-se o fruto; se este é atacado logo a seguir a ter vingado não se desenvolve mais acabando por secar e cair.

Nos frutos já desenvolvidos os sintomas consistem, do mesmo modo, nas manchas brancas com aspecto de pó; os frutos continuam a desenvolver-se mas ficam deformados dando-se o rachamento da película e depois da própria polpa ficando muitas vezes as grânhas à mostra.

Uma vez os bagos rachados dá-se a invasão de outros parasitas que acabam por provocar o seu apodrecimento.

Agente causador da doença

O agente e causador do oídio é um fungo que se desenvolve apenas à superfície dos órgãos atacados. É constituído por uma série de filamentos (hifas) tabicados e ramificados a cujo conjunto se dá o nome de micélio. Este micélio desenvolve-se, como se disse, à superfície dos tecidos agarrando-se a estes por meio de uns órgãos que funcionam como ventosas. Destes órgãos partem filamentos que penetram na camada epidérmica formando como que umas bexigas (haustórios) no interior das células através das quais se alimenta o fungo. As células parasitadas e as vizinhas tornam-se escuras, acabando por morrer sendo, estas células mortas que ocasionam as manchas castanhas, por baixo da camada pulverulenta, nos órgãos atacados.

A propagação da doença faz-se por meio de uma espécie de sementes (os conídeos) constituídas por uma célula única de forma mais ou menos oval achatada nos dois topos. Estes conídeos formam-se na extremidade de uns órgãos especiais (conidióforos), filamentosos, que se desenvolvem no micélio. Cada conidióforo dá vários conídeos que chegam a formar uma cadeia, libertando-se primeiro o da ponta.

envasilhados, pois com a elevação de temperatura podem despertar certos fermentos perniciosos que por acaso existam nos vinhos, devendo trasfegar-se os que não mereçam confiança. Arejar a adega. Se o calor for apertado, regar o pavimento e o costado das vasilhas, conservando uma temperatura de 12 a 15 graus.

Na Capoeira

As galinhas e aos pombos deve-se-lhes dar sal, ministrado em pães de gesso, que essas aves debicam com prazer. O estrume da capoeira é rico em fertilizantes, sendo bem aproveitado para os jardins.

Os conídeos, levados pelo vento, ao caírem em cima das partes verdes das plantas e encontrando condições favoráveis de temperatura e humidade, germinam dando um filamento que cresce e se ramifica originando um novo micélio que se desenvolve dando mais tarde outros conídeos.

Assim se propaga a doença durante a Primavera e Verão.

Quando a temperatura baixa, no Outono, o fungo não se desenvolve mais formando-se então um outro tipo de «sementes» (as peritecas) de forma esférica, escuras quando maduras e com uns apêndices filamentosos por vezes enrolados em espiral na extremidade. As peritecas resistem aos rigores de Inverno libertando na Primavera uns corpos (ascos) contendo cada um, geralmente, seis pequenos esporos (ascósporos) que germinam como os conídeos reproduzindo o fungo.

Ente nós só uma vez foi observado este tipo de esporos de Inverno fazendo-se a propagação da doença de um ano para o outro pelo micélio (micélio hibernante) que fica nos gomos, protegido pelas escamas e é capaz, na Primavera seguinte, de entrar de novo em actividade.

Embora sendo o mesmo fungo ele tem nomes diferentes conforme o modo como se propaga e assim na fase em que há a produção de conídeos chama-se *Oidium Tuckeri* Berk. e na fase em que se produzem as peritecas chama-se *Uncinula necator* (Schw.) Burr.

Condições favoráveis ao desenvolvimento da doença

São a temperatura e humidade que condicionam o desenvolvimento da doença, sendo, porém, a temperatura o factor predominante.

De facto, as exigências que o fungo tem de humidade são pequenas não sendo necessária a presença de água para os esporos germinarem como sucede no mildio. A partir dos 25% de humidade a germinação pode dar-se embora valores mais elevados sejam mais favoráveis.

Como a humidade atmosférica junto das plantas é quase sempre superior àquele valor, a temperatura é que condiciona, na realidade, o desenvolvimento da doença.

De uma maneira geral pode dizer-se que abaixo dos 10°C ou não há crescimento de fungo ou ele é tão lento que nada se poderá temer. Entre os 25 e os 28°C encontra-se a temperatura óptima para o seu desenvolvimento e acima dos 36°C não há mais crescimento sem, contudo, o fungo morrer. Se verifica um abaixamento de temperatura o fungo retomará a sua actividade.

Pelo exposto facilmente se compreenderá que observando-se no nosso País, todos os anos, as condições necessárias ao aparecimento e desenvolvimento do oídio não se devem nunca descurar os tratamentos.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

«Tribuna Livre» vende-se em Braga no Quiosque Central do Largo do Barão de S. Martiño.

AGENDA DO LAVRADOR

Nos Campos

Enterram-se leguminosas tardias (tremoços, trevo) para adubação, abafando-as com cal ou cinza para maior aproveitamento.

Além das beterrabas dos prados para consumo doméstico, semeiam-se em terras planas beterrabas para venda. Prossegue ainda a sementeira de milho, feijão, cevada, cânhamo, linho e painço. Inicia-se a plantação do arroz.

Mondam-se e sacham-se as culturas da quadra, e regam-se quando for necessário. Nitratam-se as plantas atrasadas.

Nos Pomares

Enxertar nogueiras e castanheiros, bem como outras fruteiras (indicadas no mês anterior), com enxertia de coroa, e a olho vivo as plantas de viveiro que se apresentam mais fortes. Nitratar as menos desenvolvidas. Esládroar e des-

pontar sempre que haja necessidade. Aplicar fúngicidas e insecticidas à base de nicotina, piretro, sabão preto. Nos olivais atacar também os fungos e insectos.

Nas Vinhas

De meados do mês em diante, iniciam-se as sachtas da vinha. Nos lugares quentes, onde o mildio mais facilmente se desenvolve, começar ou continuar a sulfatar. Continuar também a enxofração. Para evitar o prejuízo que podem causar as ventanias, ligar os pâmpanos nas enxertias novas, e tirar os renovos ou rebentos supérfluos nas cepas americanas.

Nas Hortas

Podem em geral semear-se todas as hortaliças indicadas no mês anterior. Devem amudar-se as transplantações, as sachtas e as mondas. As regas serão feitas de madrugada, ou

ao entardecer. A rega de tarde é preferível. Capar melões, pepinos e tomates. Já se podem colher muitas produções, como morangos, favas, ervilhas, repolhos, alcachofras, rabanos, cebolas, alfaces e espargos.

Nos Jardins

Ainda podem continuar durante este mês as sementeiras das flores indicadas em Março, e sobretudo goivos, gerânios, nigelas, cinerárias, amarantos, chagas, cólios, begónias, heliantos, calceolárias, e glaxínias. As plantas guardadas em estufas devem expor-se ao ar livre. Evite-se o bicho nas roseiras, pulverizando com água salgada as que apresentarem as folhas atacadas de bolor branco. Semear cravos que não-de ser transplantados em Setembro.

Nas Adegas

É necessário vigiar os vinhos

TRIBUNA do CONCELHO

Visita oportuna à

Misericórdia de Amares

Foram transferidos definitivamente para a sua sede própria todos os serviços respeitantes a esta instituição de caridade.

Um prédio com dois pisos para já e quando as possibilidades o permitirem será aumentado com dois pavilhões destinados a serviços cirúrgicos e hospitalares. A sua conclusão dependerá de auxílios pecuniários, pois as despesas obrigatórias com medicamentos fornecidos à numerosa assistência prestada aos habitantes de todo o concelho que diariamente a procuram, já atinge a soma aproximada a 40 contos anuais.

Esta receita é concedida pelo Fundo de Assistência que o Estado anualmente presta. O corpo clínico composto por 3 médicos que graciosamente dispensam consultas, possibilita a existência da mais útil instituição que em Amares poderá existir.

O Dr. Eduardo Gonçalves, o Dr. José Vasconcelos e Dr. João Baptista Sousa Fernandes devem ficar gravados nos corações dos amarenses pela caridade praticada, fazendo da clínica verdadeira sociedade.

A Secretaria é dirigida pelo sr. António Baptista Macedo Fernandes, pessoa cheia de qualidades e que dedica todo o seu carinho e assistência aos complicados serviços. Os serviços de curativos e injeções, enfim, toda a enfermagem, estão a cargo da distinta senhora D. Eufrosia Barbosa de Macedo, senhora com uma alma adequada ao contacto com o sofrimento de tantos corpos que lhe aparecem a pedir misericórdia. Estes ligeiros apontamentos trazidos às colunas do jornal deverão ser um incentivo para o que podem não se esquecerem da miséria física e ao mesmo tempo de gratidão às pessoas que nela intervêm para diminuir o sofrimento humano.

Elísio Gonçalves

Caires

S. Pedro Fins

Eleição da Comissão que este ano vai realizar em Agosto próximo a grande Romaria de S. Pedro Fins, que no ano corrente, é desta donairosa e pitoresca freguesia de Caires.

1.º Juiz — Egídio Vieira Gonçalves, 2.º Secretário — P. Calisto Vieira, 3.º Tesoureiro — António Sebastião Vieira Esteves 4.º Mordomos: António Fernandes (Penas), José Joaquim Coelho Machado (Soutelo), José Maria Rodrigues do Vale (Soutelo), Carolino Alberto Gonçalves (Monte de Baixo), Dellim Lage da Silva (Freixeiro), Leopoldo Arantes Bran-

dão (Castro), 5.º Mordomos: Maria do Sameiro Coelho Machado (Soutelo), Maria da Silva (Igreja), Maria da Graça Dias (Igreja), Luiza Maria Vieira Gama (Igreja), Alcino Maria Brandão (Pousadas), Maria da Silva (Monte de Baixo), Maria Fernandes (Freixeiro), Palmira Pereira, Delfina da Rocha, Palmira da Silva (Cruz), Delfina Arantes Pereira Avelina de Almeida Coelho (Paço), Angelina de Abreu S. (Vicente), Laurinda Fernandes de Almeida S. (Vicente), Maria Vieira (Rios), Carminda Ferreira Pinheiro (Paço Velho), Maria de Fátima Fernandes (Sobrado)

— Oxalá «que uma outra Comissão, mais ilustre e corajosa, mesmo fora da freguesia se formasse, para abrir a tão suspirada e necessária estrada pelo Monte fora. Que nos ouçam as nossas queridas autoridades, os proprietários, as pessoas de bem do nosso Concelho. Vamos: avante pelo São Pedro Fins, que é uma glória da Nossa Terra. Turistas e Caçadores, grandes e pequenos, todos, lutai e trabalhai pelo ponto mais lindo do Concelho de Amares. Mãos à obra.

Já este Verão, mandei abrir a estrada.

O resto virá por acréscimo.

C.

Visado pela censura

Carta de Lago

Mea bom amigo António:

Faz hoje 70 anos o Doutor Salazar. Não sou político no verdadeiro sentido, porque não vivo da, nem para a política, nem aspiro a empregos ou lugares de comando político. Contudo, e precisamente por isso, acho-me com independência bastante para te dizer alguma coisa sobre tal assunto. Salazar nasceu de gente modesta e honrada. Estudou para o sacerdócio no seminário de Viseu e, por razões que só ele e Deus sabem, deixou o seminário e foi cursar a Universidade de Coimbra, onde foi professor catedrático. Tens ouvido falar muito da sua actuação política, nos diversos cargos de governo que desempenhou e desempenha, há 31 anos. Tenho também ouvido referências diversas feitas no estrangeiro, à pessoa e doutrina do nosso chefe do governo e, admirando a justeza dessas apreciações, admiro o mais ainda que haja portugueses que não lhe reconheçam os serviços prestados à Pátria, e o odeiam mortalmente. Não quero com isto dizer-te que não haja muitos e bons portugueses, devotados amigos de Salazar e adeptos sinceros das suas doutrinas políticas, embora reconheça também a existência de alguns que berrem em todas as direcções por Salazar, com o fito de serem regedores, vereadores, e talvez, deputados; mas servindo apenas para desacreditar as doutrinas do Mestre. Era isto que me dizias na tua última carta.

Creio que nenhum português, hoje, elevou tanto o nome de Portugal no concerto das nações, como Salazar.

Nos discursos e nas decisões o nosso Chefe do Governo parece ter sempre diante dos olhos o lema do Bispo de Hipona: «Combater os erros, mas, amar os homens». Salazar é um exemplo. Poderia ter sido padre ou bispo, e, como tal, fazer muito bem. Mas, ensinando uma doutrina política sã, baseada no respeito pelas crenças, pessoas e haveres e purificando com essa mesma doutrina o conceito de liberdade, Salazar prestou mais serviço à humanidade do que tivesse sido Papa. Oxalá que ao menos os que se dizem salazaristas imitem Salazar no respeito pelo nome alheio e na defesa prudente da boa doutrina política.

Atacar os erros... mas poupar os homens.

Cumprimentos do teu

J. Moreira

28/4/59

Por falta de espaço não inserimos a restante parte desta carta, o que faremos no próximo número

BOURO

O Edifício Escolar e o Caminho de Acesso

Há já bastante tempo que um conterrâneo amigo, pediu para que, junto de quem de direito, reclamássemos uma reparação do caminho que dá acesso ao Edifício Escolar e, conseqüentemente, serve o lugar da Ferraria. Nunca nos foi possível abordar o assunto, porque outros se nos deparam, embora não de maior necessidade, mas mais ao alcance da nossa vista. Assim fomos preterindo a pretensão e adiando a promessa feita àquele conterrâneo, que muito merece ser satisfeita. Felizmente chegou a ocasião de lhe poder ser agradável e eis a ocupar-nos do assunto: Num dos últimos dias da semana passada, certos afazeres obrigaram-nos a uma deslocação à Escola Primária. Acompanhava-nos uma das senhoras Professoras, que é directora da Escola. Ela mesmo pediu a nossa atenção. Confirmamos o que aquele amigo nos havia transmitido, verificando o caminho em estado tão deplorável, que mais parece uma dessas «quelhas» há já muito abandonadas, do que um caminho onde são forçadas a transitar, diariamente, um regular número de pessoas, incluindo as senhoras Professoras e todas as crianças da Escola, porque outro acesso não têm. É vergonhoso que se deixasse chegar a um estado tão lastimoso o caminho que serve, não só um lugar, mas ainda o estabeleci-

mento de Ensino Primário, que nós, Bourenses, frequentamos e que os nossos vindouros hão-de frequentar. Infelizmente, como este, encontramos tantos outros que julgamos inútil referir e por isso, ficam à mercê dos futu-

(Continua na 4.ª página)

Besteiros

S. Pedro de Rates

Realizou-se no passado Domingo dia 26 de Abril a festa Litúrgica do Titular desta histórica Confraria. O Juiz da mesa dos leigos Senhor Carolino Alberto dos Reis tem dado a esta Irmandade todo o seu esforço, toda a sua brilhante dedicação, por isso, ela tem progredido, tem entrado muitos irmãos e têm-se comprado muitas e ricas alfaias. Hoje, esta Irmandade pode apresentar-se dignamente em qualquer parte e tem se cumprido os estatutos e as missas. Houve Hora Santa e Confissão na véspera, missa solene e comunhão geral no Domingo de manhã, e de tarde terço, maviolos cânticos, sermão, procissão e bazar de prendas. Tudo correu bem e sem notas discordantes. Parabéns à Irmandade.

Senhor Arantes

Causou a maior alegria nesta freguesia, a chegada do Rio de Janeiro, do Senhor Comendador Arantes, grande amigo desta terra e insigne bemfeitor dos pobres.

Seja benvindo cheio de saúde e permaneça connosco muito tempo. C.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos

Terça-feira — A^mneina Teresa Augusta Dias Pairedes.

Quarta-feira — A S^{ra}. D. Belmira Araujo da Silva Macedo.

Sexta-feira — A S^{ra}. Filomena Rosa Dias Antunes e o sr. Bernardino Carvalho Ribeiro

Muitos parabéns.

HUMORISMO

Conversando

— Olha lá, tu sabes porque é que muitas vacas trazem um chocalho ao pescoço?

— Não, por que é?

— Porque os donos lho colocam.

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

RAINHA DA PAZ

(Continuação da 1.ª página)

repletos de prisioneiros e fugitivos, famílias desfeitas, lares abandonados, hospitais cheios de feridos e mutilados, valas onde se amontoam cadáveres, enfim, a dor que fazia sangrar os corações de milhões de esposas, mães, filhos, noivas e amigos

Para além de tudo isto, o aterrador espectro da fome e angústia de todos os corações, perante um futuro cada vez mais obscuro e ameaçador. Então, o imortal Pontífice a quem os Orientais (muçulmanos, arménios, israelitas, gregos e protestantes) levantaram grandiosa estátua na cidade de Cons-

tantinopola como símbolo perene de gratidão, pelos aturados esforços a favor da Paz e dos refugiados, lançou um apelo ao mundo inteiro, num gesto de esperança e confiança para que se invocasse a Mãe de Deus e dos homens com este título honorífico, — nova pérola a engastar na sua já formosa corôa.

Hoje como então, núvens densas prenúncio de desdita, pairam sobre a humanidade, toldando os horizontes internacionais e velando o sol benéfico da paz. Uma guerra apocalíptica e catástrofica, cujas consequências como frisou Pio XII de saudosa memória, seria a aniquilação pura e simples da humanidade, parece trazer em sobressalto e desassoço constante, governantes e governados.

O urso moscovita, produto híbrido do agnosticismo racionalista do indiferentismo religioso e do ateísmo confesso e militante, parece ignorar o seu próprio destino em nova hecatombe universal. Ateia-se o fogo, da ambição aqui e além e nos pontos mais remotos do globo há labaredas de incêndio que já mais se extinguem. A insegurança e inquietação colectiva, o pesadelo enervante duma atmosfera plúmbea, continuam a ser o pão amargo de que se alimenta a humanidade do nosso século porque a cada momento parece explodir o barril da pólvora.

Enquanto uns, tudo fazem pela usufruição do benefício da paz, outros, em seus maquiavélicos planos, pretendem o seu naufrágio.

Até em Portugal, os falhados em muitos aspectos da vida, parecem ter saudades da bancarrota financeira, do saque e da pilhagem, dos ultrages à Igreja e ao clero, da desordem, da carbonária e da formiga branca. Sim; saudades das cebolas do Egipto!... Esqueceu-se que é em ambiente de paz, que prospera e cresce a par com a religião e ordem social, o comércio, a indústria e se desenvolvem as artes, as ciências, a agricultura, etc.

Nas horas mais aflitivas da história da humanidade o auxílio e a salvação vieram por intermédio de Maria. Tem mais poder sobre o seu coração maternal, a legião incontável dos devotos que neste mês abençoado rezam junto dos seus altares, do que todas as convenções e tratados em que se ostenta a mais delicada filigrana da diplomacia. O regresso a Deus, de todos os que Dele andam divorciados, há-de operar-se por Maria.

Se pudesse expor os fundamentos teológicos da paz, poderia dizer que ela será permanente, quando os homens caminharem rectamente para o seu destino sobrenatural e eterno.

Peçamos com ardor esta graça incomparável à Imaculada Rainha da Paz.

M.P.

Visado pela Censura

Temos nova C. Distrital da U. Nacional

(Continuação da 1.ª página)

primindo-lhe um sentido activo e de renovação de maneira a unir a família nacionalista e chamar à actividade os novos.

Quiseram as circunstâncias em determinada altura, que pudéssemos exprimir a nossa opinião, perante quem de direito, sobre a então anunciada remodelação, agora operada.

Comentário

(Continuação da 1.ª página)

professor catedrático de Direito Internacional, sublinhou:

Sómente uma inteligência privilegiada, como o desse homem que aos 21 ou 22 anos de idade já leccionava como catedrático numa das mais famosas universidades do mundo poderia realizar o que realizou.»

O deputado Benjamin Faah afirmou: «O sr. dr. Oliveira Salazar tem sido, na verdade, um estadista exemplar em dedicação às causas públicas da sua gloriosa Pátria. Considero-o um homem de bem ao serviço do seu povo.»

O Padre Medeiros Neto, representante do Estado de Alagoas na Câmara dos Deputados, disse: «O teor político, que distingue a administração de Salazar, ofereceu condições salvadoras para Portugal e abre caminhos seguros para modelar a gestão de qualquer nação ocidental.»

Filadelfo Garcia, deputado pelo Mato Grosso, salientou: «A obra administrativa de Salazar, orientada pelo seu senso de honestidade, constitui uma prova de energia e patriotismo, que deve ser meditada e emitida por outros países.» ANI

Entretanto, o General Humberto Delgado declarou ao chegar ao Brasil: — O regime de Salazar está por dias, talvez por horas...

Fizemo-lo com a franqueza e a lealdade com que falamos quando achamos devê-lo fazer. Já tínhamos aqui escrito sem peias, apontando factos, alvitando soluções.

Tudo decorreu como desejáramos, tudo tem obrigação de agradar a todos que querem homens inteligentes, dinâmicos e honestos, capazes de conduzir a coisa política dentro do espírito arejado que se impõe.

O seu trabalho é árduo porquanto o Distrito tem as suas comissões desmanteladas e envelhecidas, incapazes de cumprir na hora séria que passa e que se não compadece com situações.

Na verdade o momento se é de união é primeiramente de exame sério às consciências dos que tendo servido uma vida inteira, voluntariamente, devem ceder os lugares de acção aos que entretanto surgiram e que têm de ser chamados sob pena de se perderem.

É que sem essa cedência voluntária não há união e a continuidade do Regime interessará essa união; mas mais, muito mais, não continuar a perder os que surgem e representam a garantia de continuidade.

A nova comissão tem o nosso caloroso apoio porquanto os nomes que a compõem são garantia de trabalho contínuo e profícuo, esforço em acertar, possibilidades de acertar.

O Distrito encontrou os homens de quem precisava e que se as circunstâncias e as ambições não os atraíssem realizariam a obra porque todos anseamos.

Assim a sorte os ajude como estamos certos os ajudará uma decisão inquebrantável de servir bem, alheios a tibiezas que tanto mal causaram, a fraquezas que só serviram os ambiciosos eternamente cedentes de mandar, alheios a idades e a aptidões que nunca tiveram ou já perderam há muito.

J.M.

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

que entre os Portugueses, sempre amantes de seu Rei, da pureza da doutrina orthodoxa, apparecerão agora homens allucinados que se persuadem que servem ao seu Deus servindo ao Crime, que julgão advogar a Causa da Religião observando e persuadindo aos outros maximas que a mesma Religião expressamente condemna. Bendito seja o Deus de Misericórdia! Na humildade de Nosso coração Nós o devemos louvar incessantemente por consentir que seja m.to escaço o numero daqueles infelizes que se precipitão em huma desobediência tão criminoza. E que motivo tem dado occasião a ella? Será o generoso beneficio concedido pelo Senhor Rei D. Pedro IV aos Portugueses na Carta de Lei Fundamental da Monarquia, dada em 29 de Abril do pressedente anno? Mas em que offende esse Codigo a pureza e santidade da Religião dos nossos Pais?

Não estabelece elle que a Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Reino que todos os Portugueses, e particularmente os conselheiros d' Estadó jurão manter? Qual he o artigo ou nova Instituição criada pela Carta Política da Monarquia que ataque a santidade da Religião, que exponha a gloria e segurança do Throno, e viole os direitos da liberdade, segurança e prosperidade dos Cidadans? Bem pelo contrario, a Carta Política fazendo reviver algumas das nossas antigas Instituições Monarchicas, purificadas e reformadas segundo exigem as circunstancias da Nação e as luzes do tempo, e criando outras, alias indispensaveis para melhor administração da fazenda, e da Justiça, e para servirem de firme apoio à liberdade e prosperidade dos Cidadans, marcando emfim os direitos e deveres das pessoas constituídas em autoridade, para que o exercicio della não degenere em abuso e opressão, estabelece sem dúvida com sabedoria, e huma maneira conveniente ao character, e circunstancias da Nação ossolidos fundam. tos da converção e perfeição, ordem e felicidade pública, a gloria do Throno, e o bem do Estado e de todos os Cidadans são os importantes objectos da Carta Política.

Se o nosso Augusto Monarca o Senhor D. Pedro Quarto cedeu nella alguma porção dos seus direitos, para serem exercitados com maior perfeição e vantagem pelas Camaras e Autoridades legitimamente instituidas, reservou certamente huma somma de nobres e sublimes Prerrogativas a Atribuicoens que, sendo efficazes para manter a balança politica do Estado, são tambem as mais proprias para a conservação, independencia, e gloria do seu Throno.

(Continua no próximo número)

EDITAL

ALFREDO DE ABREU VALENÇA, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Amares :

Faz saber, nos termos do disposto no artigo 18.º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que pelo espaço de 10 dias se acha patente na Secretaria da Câmara, para efeito de reclamação, o recenseamento geral do concelho para a eleição do **Presidente da República e da Assembleia Nacional.**

Da inscrição ou omissão daqueles que hajam requerido a sua inscrição ou devessem ser inscritos officiosamente pode o interessado ou qualquer eleitor recenseado no ano antecedente reclamar até 15 de Maio, para o Presidente da Câmara Municipal.

A reclamação deve ser assinada pelo reclamante ou por seu procurador, com a assinatura reconhecida por notário, e será logo instruída com os documentos que lhe sirvam de prova, os quais não poderão ser juntos posteriormente.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo.

Secretaria da Câmara Municipal de Amares, 30 de Abril de 1959.

O Chefe da Secretaria,

Alfredo de Abreu Valença

BOURO

(Continuação da 3.ª página)

ros acontecimentos. Sem intenção de ofender, ou sequer menos considerar alguém que no assunto superintende, seria bom lembrar que o «Imposto de Trabalho» era bastante suficiente para reparação dos caminhos.

Por julgar oportuno, faremos agora umas ligeiras referências ao estado que se encontra a Escola e o que sobre isto se nos oferece: O edificio é maravilhoso e dispõe de quatro amplos salões de aula, para satisfazer as exigências da freguesia. Podemos considerá-lo o melhor que o concelho possui, graças aos esforços do devotado bourense, Rev.mo Francisco de Almeida, que tornaram possível a sua construção. Louvores só merece quem para tal contribuiu.

O estado exterior, está em regulares condições de conservação, exceptuando parte da caixilharia das janelas um pouco detioradas e a falta de

alguns vidros. Julgamos aconselhável a sua reparação.

Na parte interior, notamos que o tecto estava em partes bastante manchado ameaçando podridão, motivado segundo nos conta a senhora professora, pela infiltração de águas, nos dias de chuva. Nas paredes, nota-se parte do revestimento a ameaçar ruína, demonstrando ser, decorrido algum tempo, obra para absolver umas largas centenas de escudos, se uma reparação urgente lhe não for feita. Informa-nos a Senhora professora que já diligenciou nesse sentido, no entanto, da nossa parte não demos calar-nos, pois trata-se de um edificio de elevadas vantagens e cuja construção custou grandes sacrificios a alguém que para ela diligenciou. A nossa consciência sentir-se-ia magoada se nada fizéssemos para evitar a ruina de tão benéfico edificio.

A. Fernandes.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA

DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 28

(CONTINUAÇÃO)

Só a monografia, como que anatomizando, por partes, peças de um mesmo corpo, que é a biografia de um Povo, consegue trazer a lume estes significativos pormenores que a História não deve perder de vista.

* * *

Continuando a dissertar, o mesmo Matos Ferreira, sobre a importância em que sempre foi tida a Geira, não só ao tempo do Império, mas depois da sua declinação, que muitos povos crudelíssimos e bárbaros fizeram tão grande destruição nestas terras, especialmente na cidade de Braga e em toda a comarca vizinha, que não ficou pedra sobre pedra, acrescenta:

«Não foy tida em menos conta pelos Bispos de Galliza no tempo que erão suffragâneos aos Arcebispos de Braga; porque muyto se aproveitavão della, quando vinhão a esta cidade; e há tradição, que no tempo em que Portugal era governado por Castela, o bispo de Orense, Pedro Seguino nos levou por esta estrada furtado de Cobide para Orense o Corpo de Santa Eufemea: hoje serve também para os ordinandos que de Braga vão a Orense tomar as ordens, e he tanta a utilidade que nella tem, que sendo de Braga a Orense pela estrada dos Arcos vinte e duas leguas, são pela da Geira dezasette.

... E com ter tanta estimação em os séculos passados, veyo a ter tão pouca no presente, que assim que entrou o anno de 1640 — ditoso e felicíssimo para Portugal — com a aclamação do Senhor Rey Dom João o quarto, e pelas guerras que então teve com Castela, as gentes de Terra de Bouro derrubarão as pontes da Portela de Home, que como são obrigados a defende-la à sua custa, fizeram por este meyo com que lhe ficasse mais, facil a defensão; e não sey de a ruyna, que nellas causarão, foy com auctoridade Real, e sem ella, posto que alguns homens velhos dizem, foram errubadas por ordem de Dom Gastão Coutinho, que foy aquelle tempo General das armas da Província do Minho; e ês então he que a Geira começou a declinar e a padecer toda a ruyna, e com mayor excesso dês que entrou o anno de 1700, metendo as paredes de muytas tapajes por fora da estrada e espadando e roubando muytos de seus padrões, etc».

Para referendar a primeira parte desta transcrição — que a Geira e a Portela eram via de comunicação obrigatória entre Braga e Orense — af está na *Vida de S. Geraldo*, 1096 — 1108, milagre 14 (Scriptores) a narração de um interessantíssimo episódio:... *Illo etenim tempore dum vir Dei a sede Auriensi rediret et Bracaram tenderet, in rure quod Rivus calidus nuncupatur hospitatus est. Illi nimirum luce secutura per locum difficilem aqua Portella hominis vocitatur transituro, hyemalis tempestas et infinitae pluviae inundatio exorta est...* e foi o caso, que um homem de Deus (bispo ou abade) de regresso da sé de Orense a Braga, na companhia de outros padres *clericis eum comitantibus* foi surpreendido por uma noite invernos, de chuvas torrencias, que o obrigaram a pedir pousada num lugar difficil e agreste chamado Rio caldo.

Na manhã seguinte, e apesar de chover cada vez mais, o que tanto lhe fazia reascar pela sorte do seu mosteiro (parece subentender-se que se situava à margem de rio ou ribeiro, seria Abadia?) meteram-se a caminho; mandou rezar 7 salmos e pedir a intercessão do Santo arcebispo lhes defendesse o seu hospício.

Com efeito, embora molhadinhos até os ossos, não obstante os agasalhos que traziam, encontraram-se no ermitério, inteirinho e livre de qualquer perigo.

Foi também a estrada dos peregrinos de Santiago; dos astutos prelados bracarenses e compostelanos que, na qualidade de medianeiros entre os primeiros soberanos portugalenses e os lioneses, e senhores de planos e embaixadas que o seu tempo depositava nas mãos do influente bispo medienal, entre contendidas de ordem territorial ou cessação de hostilidades, repetidas vezes transitaram por esta via de largos horisontes morais e materiais mesmo no sentido de os grandes objectivos da História.

* * *

De espaço a espaço, a parte da Augusta Cidade de Braga, contavam distâncias os célebres marcos miliários, incrustados de siglas imperiais que o peso dos séculos tem desgastado.

(Continua no próximo número)

Posse do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Terras de Bouro.

O Senhor Governador Civil de Braga, deu posse do cargo de Presidente da Câmara Municipal de Terras de Bouro, no passado dia 24, ao Senhor Dr. José Catalão, figura prestigiosa e homem de reconhecida probidade. A cerimónia revestiu-se de grande solenidade, tendo-se a ela associado as pessoas de mais alta responsabilidade na vida política do Distrito. Fizeram-se ali grandes afirmações de fé nacionalista. Usaram da palavra o Senhor Governador Civil e Presidente da União Nacional, o Senhor Dr. Sá Tinoco e Alberto Azambuja e por fim o empossado. Do substancial discurso do Senhor Dr. Catalão, damos os seguintes passos e continuaremos no próximo número, devido aos conceitos de que todo ele é repassado, de principio ao fim.

«Sejam as minhas primeiras palavras, neste acto a que V. Ex. a quis dar solenidade,—generosamente esquecido de que o empossado, que não está à altura dela, nunca passou, nem queria passar, de pequeno agricultor-advogado—sejam as minhas primeiras palavras de devido louvor, de graças a Deus, por nos ter dado Salazar; e de prece, a mais sentida, para que no-lo conserve, forte e são, sempre iluminado, como até hoje, pelo Seu Espírito, por muitos e bons anos, como todos havemos mister, a bem da nossa querida Pátria portuguesa!

Cumprida esta obrigação primordial, de português cristão, eu devo apresentar a V. Ex. a a minha respeitosa saudação e, com ela, o meu agradecimento.

Não me proponho fazer o elogio de V. Ex. a; mas não posso deixar de dizer o que sinto, vincado em duas palavras: se me fôra imposta a obrigação de escolher—sem desprimor para ninguém—entre todos os Senhores Governadores Civis que passaram por aqui, desde o movimento militar de 1926, eu, sem hesitação, com toda a sinceridade, indicaria o nome de V. Ex. a.

Não preciso de dizer mais nada. E passo ao agradecimento.

Mas aqui terei de começar por falar de mim, o que me não é agradável.

O meu inesperado aparecimento num canto do sector administrativo da Nação, depois de ter dobrado, no curso da vida, o cabo dos 60 há-de ter parecido a muitos, e não sem razão, à primeira vista, uma curiosa, tardia, inclinação de amor para a arte de governar.

Surpreende, na verdade, que nesta altura da vida e do tempo, venha assumir funções directivas, ainda que de 3.ª classe, quem nunca teve aspirações de mando politico, nem se julgou dotado para o exercer,—nas condições em que, segundo entende, ele deve ser exercido.

E' que não é para todos a arte de dirigir, embora seja quase comum, e, geralmente, na razão inversa da capacidade, o desejo de mandar.

Por temperamento e por formação do meu espírito, eu preferi sempre, obedecer a mandar, não só por ter presentes as graves responsabilidades de quem dirige,—pensando, ao mesmo tempo, que outros, melhor do que eu, poderiam fazê-lo,—mas também porque, sendo dado, por inclinação natural, à observação das cousas e dos factos, nunca se me desprende da memória aquela relação de sequência, sempre renovada, entre os Hossana de Domingo de Ramos, a traição de Judas, o abandono dos amigos e o «cruicifige eum» da multidão desalmadamente amotinada contra a encarnação humana da Bondade Divina...

Pensando assim, não podia buscar, nem busquei, honras ou funções de comando; e se alguma vez mandei, não foi porque o tivesse desejado.

Mas, também o devo dizer, se

não quis os lugares da frente, nunca abandonei o meu, ainda que tivesse de ficar em primazia, por falta de presença dos dianteiros.

Depois de ter justificado a sua aceitação do cargo acrescentou:

Quero agradecer-lhe a honra que me deu, procurando, para me convencer, não palavras bonitas, costumadas promessas de facilidades, mas as incertezas e perigos da hora que o mundo atravessa, e nós com ele, em consequência, por muita parte, de erros escusados, de desvios que de longe vêm, e, focando a necessidade, imperiosa, de atacar o mal que se deixou medrar e todos sentimos, não somente nas suas manifestações exteriores, nos seus efeitos, mas, sobretudo, nas suas raízes, nas suas causas e fundamentos, já que o mal, como as plantas, tem as suas raízes e fontes de alimentação, sabe Deus onde, às vezes...

Integrado na linha de rumo superiormente riscada, segundo a qual importa prosseguir, mas renovando, onde e como for necessário, para se eliminar as causas que conduziram—era fatal—ao estado de perigoso alarme que todos vimos no ano passado, quis V. Ex. a a desvaliosa, mas conciente cooperação, em plano oficial—como cidadão tenho o orgulho de afirmar, à vista de todos, que nunca faltei—desde veterano da velha guarda de Braga, das horas, bem mais difíceis, dos cinco anos que antecederam o movimento de 28 de Maio,—sobretudo dos anos de 1921-1922, quando existiam organizados, a carbonaria, os defensores da República, a formiga branca, os amigos da Sérvia, eu sei lá, do lado dos quais estava, naturalmente, a força pública. (Mas nós vencemos!)

Agradeço a V. Ex. a a honra de me ter chamado nestas circunstâncias. Convenceu-me.

V. Ex. a, afinal, não me chamou a mim.

V. Ex. a chamou um dos que sabem o que querem, dos que têm um só rosto, uma só face, que estão, que sempre estiveram, fiéis à ideia central do 28 de Maio;—não preciso de que ninguém me diga qual seja—, que sempre alinharam, de alma, vida e coração, com Salazar, e que não esperam, nem querem dever a salvação, como aqueles pobres troianos, cantados por Homero; ao comprimento das pernas e a ligeireza dos pés...

Os adversários visíveis de Salazar, da ordem nacional, não metem medo. Há perigo, evidentemente; e grave.

Mas esse está, principalmente, dentro de nós.

Abençoado perigo, abençoado esforço subversivo dos agitadores do ano passado,—ainda foi pouco,—se ele serviu para abrir os olhos aos que dormiam.

Não bastam ruas, caminhos e pontes, que devemos, sobretudo, à boa administração de Salazar.

Não faltavam em 1907, administração exemplar, e um rei à altura do seu lugar.

Mas tudo ruíu.

Não basta o alimento do corpo.

O homem tem corpo e tem alma.

E' necessário educar o espírito.

O homem tem fome de justiça e de Verdade.

Os agitadores canalizaram, sem dificuldade, para o seu moinho, certa massa que em todos os tempos e lugares, seja no grande terremoto de Lisboa, seja na Comunidade de Paris, seja na Europa, ou na América, ou na África, está sempre pronta para a violência e para o saque, e entra em acção logo que o colete de segurança se rompe.

Mas também foram coadjuvados por alguns, com fome de justiça e de verdade.

Esse, que não são maus, nunca mais os verão os agitadores desde que tudo entre nos eixos.

No evangelho politico nacional, segundo Salazar, está escrito que as cousas não acontecem por acaso, mas porque se preparam e porque se merecem.

E' uma forma nova, magistral, de sabedoria de sempre.

Tivemos agitação, desordem, tumultos?

Tivemos tudo isso porque se preparou, involuntariamente, sem dúvida, porque se mereceu.

Todo o agricultor sabe que semeando, ou deixando criar cardos não colherá trigo.

A desordem tem causas, tem raízes. Se cada um de nós agir com verdade e com justiça; se o esforço gigantesco, de Salazar, for secundado, de alto a baixo, em todos os sectores, verão que a desordem, por falta de alimento, acabará.

De mais, é bem sabido de todos os que pensam, ue, por via de regra só há desordem quando os seus agentes tem esperança, confiança, bem ou mal fundada, na impunidade.

(Continua no próximo número)

Notícias do Gerês

No dia 25 do passado mês de Abril, quando seguia para sua casa, de moto, de u. u. m a queda de que resultou a fractura dum pé, o sr. dr. Francisco Xavier de Araújo, tendo seguido para o Hospital de S. Marcos de Braga, onde ficou internado.

Foi muito sentido este desastre pelas pessoas que conhecem o sinistrado, pela sua benemerência e bondade. O Senhor Doutor Xavier percorre cinco freguesias deste concelho não olhando a horas nem a mau tempo. Montando na sua moto aparece muitas vezes junto das camas dos doentes mesmo sem ser chamado e sem remuneração alguma. Será muito sentida a sua falta um dia que tão boa pessoa deixe de exercer a sua clinica. Que Deus lhe dê rápido restabelecimento, são os nossos votos.

Senhor Engenheiro Melo

Por ter sido promovido a 2.ª classe, tomou posse na Circunscrição Florestal do Porto, o Senhor Engenheiro Castro e Melo, distinto administrador dos Serviços Florestais do Gerês.

O Monge de S. Bento

(Continuação da 1.ª página)

lutar e vencer todos os obstáculos que se oponham à gloriosa obra de reconstrução moral, espiritual e material da Nação.

Do alto deste rochedo, deste inabalável penhasco de moralidade, tal como o Infante, do Promontório de Sagres, Salazar prescreta horizontes longínquos, abarcando, com a sua visão penetrante, toda a Comunidade Lusitana.

O Infante D. Henrique, esse fidalgo de estirpe lusitana enxada em boa cepa britânica, sonhou a grandeza da raça, experimentou e venceu com um punhado de homens os impossíveis que as caravelas da sua Ordem de Cristo tiveram de enfrentar na vastidão do Mar Oceano, depois da preparação científica e religiosa dos seus servidores; assim Salazar soube preparar homens na ciência e na fé, partindo de ruínas medonhas, trabalhando e dando o exemplo — belo exemplo de português genuíno que tudo soube sacrificar pela pátria. Sem ambição do mando, porque desejava fazer da cátedra o seu sacerdócio — e grande que já era na preparação da juventude universitária! —, ele renunciou a tudo para correr o risco do mando e salvar Portugal das garras da anarquia. E começa do nada; mas porque «sabe muito bem o que quer e para onde vai», portanto como navia de dirigir a Nau Pátria, navega com rumo seguro tal como o Inclito Infante que lhe serviu, certamente, de figurino histórico, e que com ele se parece moralmente quase tanto como um sócio: na inabalável fé religiosa, na solidez das convicções, na pureza dos princípios, na firmeza do carácter, na tenacidade de execução, na constância, na resolução, na justeza com que vê os problemas, mesmo quando tudo é confusão em redor de si; até no celibato que ambos escolheram para melhor servir a Pátria, estes dois Grandes Homens se irmanam e identificam.

Pela projecção das obras de ambos, não será demais comparar estes dois servidores da Pátria, se bem que isso possa causar riso aos sarcásticos «livres pensadores» que se servem de uma defeituosa cultura para denegrir o bem, tentando assim encobrir os seus graves defeitos.

Não vencerá, porém, a mentira, com homens como Salazar!

Quem não quiser ver em Salazar um homem que se sacrifica inteiramente pela Pátria — que ama logo abaixo de Deus, como é Lei — repare ao menos na colossal obra de renovação que se tem operado sob a sua égide, para curvar-se perante tamanho mérito!; mesmo na sua consumada modéstia afirmou já: «Realizei o suficiente para que não se diga que falhei na minha missão».

E quem poderá contrariar esta verdade incontestável?!

E quem se atreverá ainda a afirmar que Salazar é «obsoleto» quando está, precisamente, na maré alta da sua lucidez de cristal?!; quando está a prestar à Nação serviços como nunca prestou, ao cinzelar a cúpula do opolento edifício que construiu, pedra a pedra, desde os alicerces, não apenas com atribuições de arquiteto mas ensinando, como capataz, os próprios artífices a trabalhar!!!

Monstruosidade, é aquela notícia que nos chegou de Além Atlântico, de que «o Regime de Salazar está por dias, talvez por horas»... (assim paga o diabo a quem o serve), quando está mais sólido do que nunca esteve porque os portugueses aprenderam já a compreender que seria crime de lesa-pátria vedar ao Grande Estadista o direito de concluir a sua obra extraordinária, sem igual no Mundo, relativamente.

Negar, não!

Peçamos antes a Deus, em ardente prece, neste 70.º ano do seu nascimento, que faça o milagre de lhe dar vida e saúde para prosseguir até ao fim.

Ninguém como ele merecia descanso ao atingir o limite de idade; ninguém como ele merece tanto da Nação; é sacrilégio, até, fazer comparações!

Mas também ninguém como ele é odiado pelos apátrias, embora estimado com igual intensidade pelos patriotas.

Valha-nos a consolação de que a minoria, contudo perigosa, dos antipatizantes, é tão pequena que podemos afirmar afoitamente que Portugal ama Salazar.

E Salazar também se dá por Amor aos que o amam; e mesmo aos que o odeiam — não fosse um bom católico!

Parabéns e muitos anos de vida ao serviço da Nação.

EME

TRIBUNA DE VIEIRA

Rossas

Houve no lugar de Calvos, situado no ponto mais elevado da freguesia, e que é limítrofe com o pacífico Concelho de Cabeceiras de Basto, sendo um dos lugares mais portugueses de Portugal, pelos costumes regionais, tanto na linguagem como nos trajos, etc., um tríduo em honra do Padroeiro do lugar, S. Furtuoso.

Foi pregador o maior músico nacional, o R.vo Doutor Manuel Faria, conhecidíssimo cá e no estrangeiro pela sua arte que se tem imposto em toda a parte onde chega.

Agradou muito, a ponto de a capela se encontrar sempre cheia, não contendo o povo que cada vez aflua mais dos lugares vizinhos, Agra e Casares, sobretudo.

No Domingo, dia 19, fez-se a festa: de manhã houve missa e comunhão geral, onde comungaram para cima de 300 pessoas; ao meio dia cantou-se a missa pela Banda de Vieira do Minho que também deu alguns concertos de dia, que agradaram muito e oxalá que esta banda cada vez mais se imponha pelo apuro e brio dos componentes que correspondam ao digno maestro sr. Cardoso de Carvalho.

Bendito seja o povo brioso de Calvos que mais uma vez honrou tão dignamente o seu padroeiro debaixo da orientação firme do digno pároco P.e Domingos de Carvalho, ilustre cabeceirense.

Parabéns à comissão encarregada, sobretudo à Srna. Ramos, família do ilustre benfeitor do lugar, Sr. Frutuoso Ramos, ausente no Brasil, filho desse lugar.

Que S. Frutuoso faça com que os campos deiam realmente muito fruto e ajude os filhos desse lugar.

Vila

No Domingo, 19 de Abril, foi inaugurado um grande harmónio na capela da Vila, no valor de cerca de 17.000\$00.

Foi custeado por esmolas colhidas na vila pelo canto dos

Rio Caldo

Incêndio

No dia 22 de Abril, pelas 10 horas, manifestou-se um incêndio no prédio pertencente ao Sr. Armando Joaquim Dias Ribeiro, do lugar de Matavacas freguesia de Rio Caldo. Do referido prédio ficaram apenas as paredes, tendo ardido todos os haveres. Esteve em perigo uma criança de 4 meses de idade a qual foi salva a muito custo por populares que ali acorreram, pois a casa encontrava-se fechada, pelos seus donos se encontrarem nos trabalhos. Os prejuízos foram avaliados em 20.000\$00, estando só em parte cobertos pelo seguro, o qual tinha sido efectuado no dia 14 do referido mês.

Reis às famílias que o grupo coral executou, ensaiado e repositadamente pelo P.e António Pereira Lopes, coadjutor de Vieira.

Juntaram-se cerca de 3 mil escudos, veio uma grande esmola anónima e outras que estão prometidas, de modo que resolveu-se comprar um Harmónio grande que fosse digno de uma vila, tendo em vista o futuro, isto é, a construção da Igreja Nova.

Fez a estreia dele, o Rev.º Sr. Dr. Manuel Faria, que mostrou aquilo que este objecto pode dar. A capela estava totalmente repleta e ainda numa fileira de povo fora, nem sequer se podiam ajoelhar as pessoas em virtude do aperto, e embora a Capela seja grande.

No fim da missa viam-se muitas pessoas que não saíam enquanto o Senhor Doutor tocava.

Parabéns às famílias que contribuíram para esse fim e que Nosso Senhor as cubra de bênçãos. Sabem muito bem que quem canta ao Senhor com fé, reza duas vezes; que o povo de Vieira cante em uníssono as glórias do Senhor ao som dos acordes melodiosos do harmónio, instrumento posto ao serviço da Glória de Deus.

E que todos os Vieirenses se unam em coro para cantar ao Senhor, numa só voz, não havendo notas discordantes, que fazem desentoar o canto.

Nessa estreia o grupo coral composto de 20 elementos cantou o «Regina Coeli» a 2 vozes, do Dr. Faria.

Levando esta prece do «Domine ut sint unum» Senhor que todos sejam um em volta do mesmo pastor.

* * *

No Domingo, 26, realizou-se na Residência da Capela da Vila, uma conferência dada pelos Sr. Cônego Dr. Martins Gonçalves dos Seminários de Braga, assistente da J. A. C. F. e pelo presidente da J. A. C. F.

Estavam presentes além do Rev.º Arcipreste, outros párocos com representações das suas paróquias.

Falaram os conferentes sobre as Bodas de prata da A.C. portuguesa e dum modo especial acerca da Festa de Pentecostes e inauguração do Monumento a Cristo Rei em 17 de Maio, que deve ser preparada pela Novena do Espírito Santo nas suas Igrejas ou mesmo em família.

Estava um número bastante grande de elementos da A.C. Vieirense.

MOSTEIRO

Vai começar o mês de Maria na paróquia do Mosteiro na próxima 5.ª feira, fazendo-se na igreja paroquial às 8,30 horas da noite e na vila às nove da noite.

É o mês da devoção por excelência à Mãe do Céu; é o mês das flores, etc.

Vessadas e... Toupeiras

Non bis de eodem, assim reza um velho aforismo. Porém tem que ser. Não há dúvida que o senso da oportunidade, deve aproveitar-se.

Escreveram-nos, informando que no Posto Agrário de Lamações, indicam, quem se dedica com êxito invulgar à caça destes animalinhos. Mas que grande descoberta e como é útil o exercício de tal profissão!

O grande caçador, por vezes apanha setenta e tal exemplares num só dia!

C'o a breca!... Até parece história americana ou coisa do Entroncamento!

As peles depois de conveniente tratamento servem para confeccionar belos casacos para as Madammes!

Não sei se cá por Vieira, a coisa daria resultado. É que os terríveis mamíferos que minam nos esconderijos deste solo vieirense, são pelados!

E quem os queima e põe a tal lampião!... que também luz através das ripas.

O remédio para uns e outros, procurem-no os leitores em Lamações e lá para baixo do Entroncamento... mais no... Interior.

C.

Espera-se que mais uma vez os habitantes da vila manifestem a sua devoção à sua Padroeira, a Imaculada Conceição.

* * *

Os habitantes da vila mostraram o seu brio pelo facto de possuírem assim um grande objecto, mas os do Mosteiro não levaram a bem e querem rivalizar com os de Vieira a ponto de já possuírem um harmónio superior no valor de 27.000\$00, mas oxalá que tirem os do Mosteiro a desforra pagando de pressa.

C.

Peregrinação a Fátima

(Continua na 1.ª página)

nacional no altar, ao alto da escadaria.

Da 1 às 6 — adoração por grupos de peregrinações.

Nas capelas das casas dos retiros e do Hospital novo, adorações para peregrinos de língua estrangeira.

As 6 — bênção do Santíssimo Sacramento.

As 6,30 — Missa da comunhão geral.

As 10 — terço, procissão com a Imagem de Nossa Senhora, só com bandeiras, Associações uniformizadas e clero de vestes corais.

As 11 — Missa cantada de Pontifical, homilia, consagração ao Imaculado Coração de Maria, bênção dos doentes e a todo o povo, Procissão de regresso.

As 16 — Solene procissão com a imagem de Nossa Senhora até ao fundo da esplanada e despedida, à partida para Lisboa.

Maria da Luz Baptista

Enfermeira-Parteira pela Universidade do Porto

RUA D. PEDRO V - 201 | TELEFONE, 3029

(S. VICTOR) | BRAGA